

UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

AN ANTI- RACIST EDUCATION

UNA EDUCAIÓN ANTIRRACISTA

MÔNICA ABUD PEREZ DE CERQUEIRA LUZ⁸⁰

FLAVIA ABUD LUZ⁸¹

TOLENTINO, Luana. **Outra Educação é Possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. 120p.

A obra “Outra Educação é Possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula”, escrita pela pesquisadora e professora de História, Luana Tolentino apresenta sua trajetória de vida, retratando sua infância, adolescência e fase adulta, traçando sempre um paralelo com as questões raciais que permearam o seu desenvolvimento emocional, epistemológico, cultural e social. Reitera a necessidade emergente de uma reestruturação na educação, desde a formação de educadores, análise de conteúdos e de currículos condizentes com uma prática inclusiva e antirracista, pensando na população negra que corresponde a 52,1% da população brasileira, principalmente com o olhar voltado para os homens e mulheres e crianças negras que sofrem com atitudes racistas, fascistas e genocidas; que ferem a alma e o corpo.

Nesse contexto, o pensar e o fazer de Tolentino é muito similar ao que Bell Hooks (2013, p.25) ao reiterar a necessidade de “ensinar de um jeito que respeite e proteja a alma dos meus alunos”.

⁸⁰ Mestre, Doutora e Pós-Doutora em Educação. UNIB, Brasil. E-mail: mapcluz@hotmail.com.

⁸¹ Mestre em Ciências da Religião e doutoranda em Ciências Humanas e Sociais, UFABC - Brasil. E-mail: flavia.abud.luz@hotmail.com.

Poder pensar que Outra Educação é Possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula, é um bálsamo para as dores de um povo massacrado pelos regimes civilizatórios, hegemônicos e eurocêntricos.

Nesta obra, Tolentino compartilha com os leitores, projetos desenvolvidos por ela com seus alunos nas salas de aula, buscando dar visibilidade aos invisibilizados na História por serem negros. Acredita na educação libertadora e participativa e assim, encoraja seus alunos, alunas e alunes a produzirem atividades condizentes com o papel que o negro precisa ocupar na sociedade: livre, criativo, participativo, dono de saberes a ser compartilhados com o mundo.

Neste processo, Tolentino dá vez e voz aos seus alunos, se utilizando de materiais politicamente corretos, além da Lei 10.639/2003, que determinou o ensino de História e da Cultura Africana e Afro- Brasileira em estabelecimentos de ensinos públicos e privados do país e que se opõe a colonialidade do poder e do saber, possibilitando que seus alunos alcem vôos altos de libertação.

Os textos que compõem esta obra discorrem sobre três temas, a saber: relações étnico-raciais e de Gênero, ressignificação dos saberes e currículos e educação inclusiva e holística.

A respeito da Lei 10.639/2003 foi promulgada como medida essencial ara se pensar e programar medidas de combate às desigualdades étnico-raciais em detrimento de negros(as) no Brasil, uma vez que era preciso ouvir as ausências e os silenciamentos verificados historicamente, para refletir as questões orientadas a partir de matrizes africanas e afro-brasileiras que até então, eram sustentadas pelas práticas epistemicidas, que deslegitimam a possibilidade de serem tais referenciais validados e potencialmente geradores e fomentadores de conhecimento.

O Rap da Felicidade, dos funkeiros Cidinho e Doca trabalhado em sala de aula com alunos dos 6, 7º e 8º anos por exemplo, foi uma denúncia ao racismo e a violência e humilhação sofrida pelo povo negro. Depois de muito conversarem sobre moradia, favela, o que é ser pobre, Tolentino propôs que

fizesse o Rap da Felicidade, enaltecendo as qualidades do povo negro, a ancestralidade, a importância da oralidade.

Tolentino trabalha com a palavra verdadeira na elaboração de práticas reflexivas pedagógicas que despertem os alunos o prazer pela pesquisa, como dizia Paulo Freire (1987, p.78) “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. Assim

A “palavra verdadeira” é aquela que se faz de forma reflexiva e dialógica com outras pessoas, elas surgem com a intenção do ser em mudar sua realidade. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isso, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais (FREIRE, 1987, p. 78).

Na continuidade do projeto, Tolentino trabalhou com seus alunos uma lista de escritores afro-brasileiros, dentre eles, Machado de Assis, Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, Cruz e Sousa sem mencionar a pertença dos mesmos. Os alunos escolhiam os livros, liam, comentavam fatos que remetiam as suas próprias vidas, até que os alunos começaram a questionar a raça deles, pois muito do que liam sobre o processo do silenciamento do negro sentiam na pele.

Tolentino apresentou os autores e quando os alunos os identificaram como negros, entenderam que a razão dela não ter mencionado anteriormente a pertença racial, é para que se identificassem e entendessem que todos tem potencial para escrever, tanto meninos, quanto meninas negras.

Neste sentido, este trabalho trouxe as lutas que o feminismo negro sustenta contra o racismo e em prol do empoderamento das mulheres negras na sociedade capitalista e como essas lutas são apropriadas pela Indústria Cultural por intermédio dos meios de comunicação em massa.

Daí em diante outros projetos surgiram, nomeando os capítulos do livro, como por exemplo: Queremos estudar e aprender; Funk Cordélico; Educação em Direitos Humanos; Futebol, um caminho para unir Brasil e África; Taís,

menina que queria ser negra; A meditação faz a gente ficar mais calma. Neste capítulo, cabe-nos ressaltar que a autora estava mergulhada na prática meditativa e sua mudança interior a tornou mais tranqüila. Essa conquista, ela dividiu com os alunos, pois queria se tornar mais calma para ensinar.

E assim, Tolentino foi aprofundando os interesses dos alunos pela sua curiosidade e afeto basicamente, reforçando sempre que todos podem ser alguém na vida.

Os alunos compartilharam todos os momentos com muito entusiasmo, alegria e vontade de sair do anonimato.

Os diálogos que Tolentino mantém com seus alunos estão baseados no respeito mútuo e assim, os possibilita a crescer, falar, expressar seus sentimentos, mágoas, anseios.

No capítulo Desfile do cabelo crespo e cacheado, a questão do estereótipo ligado a raça quase sempre vem embuído de preconceito e discriminação. Um desfile onde a candidata de cabelos cacheados e negros vence, trouxe a valorização estética negra, o que é um ato educativo e político de resistência.

Se pensarmos em Hooks (2014)

Devemos lutar diariamente para permanecer em contato com nós mesmas e com os nossos corpos, uns com os outros. Especialmente as mulheres negras e os homens negros, já que são nossos corpos os que freqüentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando os nossos corpos, participamos de uma luta libertadora, que liberta a mente e o coração (hooks, 2014)

Acreditamos que o conceito central da obra, está no momento que Tolentino reitera a necessidade de rever as práticas docentes e compreender que a voz do professor não é fixa, nem tão pouco única (TOLENTINO, 2018, p. 59).

Dividida em uma abertura, introdução, doze capítulos, o livro mostra a trajetória da pesquisadora e professora e sua práxis, enfatizando que seu objetivo é descolonizar mentes e corpos e trabalhar dentro de uma concepção antirracista, onde o negro não será subjugado, invisibilizado e apagado da História.

Podemos inferir que o capitalismo global, mais do que um modo de produção, um regime cultural e civilizacional que se impõe a todas as instituições sociais, modo de vida dos cidadãos, comportamentos sociais, produzindo uma consciência coletiva impeditiva da afirmação de outras práticas.

Assim, os dominados e oprimidos, configuram os seus comportamentos a partir das representações dos dominadores. Se pensarmos em Anibal Quijano (2010)

A racialização das relações de poder entre as novas identidades sociais e geoculturais foi o sustento e a referência legitimadora fundamental do carácter eurocentrado do padrão de poder, material e intersubjectivo. Ou seja, da sua colonialidade (QUIJANO, 2010, p. 120).

Esta obra apresenta idéias importantes para quem se preocupa com uma educação antirracista e inclusiva, pois a autora nos dá exemplos significativos de como se pode iniciar um projeto a partir dos interesses e dos desejos dos alunos, que, por sua vez, têm sua origem na necessidade ou em algum problema da sua vida cotidiana.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 218p.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013, 283p.

HOOKS, Bell. Alisando o nosso cabelo. [Entrevista concedida a Revista Gazeta de Cuba – Union escritores y artista de Cuba, tradução Lia Maria dos Santos,

pp. 1-8]. **Portal Geledés**, jun 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>. Acesso em: 18 jun 2020.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, p.84-130, 2010.

TOLENTINO, Luana. **Outra Educação é Possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. 120p.